

NEWS

A Digliteca onnipresente

2050 - Época da representação visual do Conhecimento Invisível

31 de maio de 2026, Tobias Engl



Assim começa um dia normal no mundo da Digliteca onnipresente, um gigantesco repositório de conhecimento com Keeper pessoal. O que há trinta anos ainda se chamava biblioteca já não é hoje um lugar nem uma app, mas uma camada do cotidiano. Uma rede invisível que disponibiliza, no momento certo, a informação certa no lugar certo. Quem entra numa cidade desconhecida entra também no seu espaço de conhecimento - situação do trânsito, trâmites administrativos, pontos de emergência ficam prontos ao canto do olho. Quem entra num hospital é guiado pelos corredores, ligado a tempos de espera e a resultados, de forma anônima e, ainda assim, pessoal. Quem participa num congresso conhece os seus interlocutores antes do aperto de mão e compreende qualquer língua como se fosse a sua. A biblioteca tornou-se atmosfera.

O verdadeiro milagre, porém, não é a nuvem coletiva, mas o mundo íntimo de conhecimento que cada pessoa traz dentro de si. O chip é mais pequeno do que um grão de areia e é muito mais do que memória. Filtra, ordena, pensa connosco e amplia a consciência e a velocidade de raciocínio cem, por vezes mil vezes. Onde antes eram precisos segundos para uma decisão, pessoa e IA fazem agora centenas de ponderações em frações de segundo - comparar ofertas, questionar diagnósticos, avaliar riscos, verificar contratos. A Digliteca pessoal não é um arquivo, mas um meio que acompanha e aconselha, que nunca dorme e que complementa exatamente quando é necessário; nem antes, nem depois.

Neste mundo já não existem ecrãs. A projeção na retina sobrepõe camadas ao visível. Avaliações, horários de funcionamento, indicações de caminho repousam no campo de visão, um pestanejar fá-las desaparecer. O acesso neural direto faz surgir o conhecimento sem ler, sem ouvir. Os espaços-matriz transformam paredes, mesas e tetos de salas de conferência e blocos operatórios em superfícies informativas. E para aqueles que ainda preferem manter uma pequena distância, restam as lentes e os óculos inteligentes. Informação em todo o lado, exatamente quando é precisa.

A ScreenWay, na altura uma pequena empresa de Munique, começou por pendurar ecrãs onde até então só havia papel ... em hotéis, lobbies, salas de reuniões e salas de espera. O que simplesmente se chamava Digital Signage foi o primeiro passo de uma longa transformação. Dos painéis planos nasceram ecrãs mais nítidos, ligados em rede e, por fim, invisíveis; dos ecrãs, projeções em qualquer superfície; depois libertaram-se da matéria e acabaram por surgir diretamente na consciência. Com esta transformação, a empresa mudou de nome: de ScreenWay passou a ScreenAway, abreviadamente «SCAW». Um discreto jogo de palavras que se tornou a assinatura de uma época, pois o caminho do ecrã foi ao mesmo tempo o caminho para longe do ecrã.

O que tornou a SCAW grande nunca foi o hardware, mas uma ideia quase antiquada. A informação certa no lugar certo, no momento certo, para a pessoa certa. «Nunca vendemos ecrãs», diz-se na empresa. «Ajudámos hóspedes a sentirem-se bem-vindos, pacientes a orientarem-se, viajantes a chegarem ao sítio certo. Essa missão continua a existir, apenas tem outro aspeto.» Mas o que significa aprender quando todo o conhecimento está acessível? Já não é memorizar, mas compreender. Conhecer dados é trivial; penetrá-los, responder pelas suas consequências, distinguir o certo do errado, isso é a educação deste milénio. A Digliteca fornece o conhecimento, o chip processa-o; o que nenhum dos dois fornece é gosto, coragem e sabedoria.

À noite, Lena fecha os olhos e coloca o chip em modo de repouso, um velho privilégio, a noite inteira sem qualquer ligação. Tira um livro da estante, papel, impresso, pesado na mão. Agora compreende as frases mais devagar, tem de procurar palavras, perde-se nos parágrafos. É cansativo. É lento. É maravilhoso. A Digliteca guarda o conhecimento, a SCAW organiza-o e torna-o visível. Mas o mais belo que este mundo produziu é talvez o facto de nos lembrar o que significa ser humano - aquele ser que, mesmo sem imagens oniscientes, ainda consegue maravilhar-se. Bem-vindo à Digliteca. Ao mundo. A si próprio. À ScreenWay.